

QUEM MOVE AS PEÇAS



*Quem move as peças*  
ARIEL MAGNUS

*tradução de Fernando Miranda*



“Obra editada no âmbito do Programa “Sur” de Apoio às Traduções do Ministério das Relações Exteriores e Culto da República Argentina”

“Obra editada en el marco del Programa “Sur” de Apoyo a las Traducciones del Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto de la República Argentina “

© Editora Moinhos, 2018.

© Ariel Magnus, 2018.

Publicado em acordo com a Agência Literária Micheal Gaeb em conjunto com a Villas-Boas & Moss Agência Literária.

*Edição:* Camila Araujo & Nathan Matos

*Assistente Editorial:* Sérgio Ricardo

*Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:* LiteraturaBr Editorial

*Capa:* Sérgio Ricardo

*Tradução:* Sérgio Ricardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

M199q

Magnus, Aiel

Quem move as peças / Ariel Magnus ; traduzido por Fernando Miranda.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2018.

236 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN:978-85-45557-47-0

1. Literatura argentina. 2. Romance. I. Miranda, Fernando. II. Título.

2018-1445

CDD 868.9932

CDU 821.134.2(82)-31

---

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior — CRB-89949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura argentina: Romance 868.9932

2. Literatura argentina: Romance 821.134.2(82)-31

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos  
editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

*Para meu avô  
Com meu avô*



*Não existe história mais verdadeira que a novela.*

Miguel de Unamuno,  
*La novela de don Sandalio, jugador de ajedrez*





## Advertência

De cabo a rabo, essa novela é uma obra de ficção.

Porém: muitas de suas personagens provêm deliberadamente da realidade, incluindo aí a realidade fictícia da literatura, de modo que qualquer semelhança com nosso mundo (ou nossos mundos) é impura coincidência.

Para que não haja mais confusões que as realmente necessárias, convém explicar o seguinte:

Heinz Magnus é o nome verdadeiro do avô do autor dessa novela. Seu neto não chegou a conhecê-lo, mas encontrou um diário dele, verdadeiramente íntimo (nem seus filhos o tinham lido!), que aqui é citado com veracidade (até onde pode ser uma tradução).

Também é verdadeiro o campeonato mundial de xadrez, disputado em 1939, na cidade real de Buenos Aires, assim como a guerra bastante mundial que estourou durante esse evento e os insignificantes problemões que acarretou, incluindo as várias histórias contadas aqui e que — como se diz para prestigiá-las — parecem mentira.

São reais, também, os enxadristas mencionados nessa ficção, incluindo a inigualável Sonja Graf, autora de livros que são incorporados na trama devidamente *bastardeados*, para não criar confusão, ou para procriá-la bastardamente no seu devido momento.

Não é demais aclarar (salvo porque ajuda sugestivamente a obscurecer), que também existiram os escritores que aqui aparecem, principalmente Ezequiel Martínez Estrada, cujo estupro tratado sobre xadrez pode ser lido pelo leitor curioso, além das citações que enfeitam estas páginas.

É absolutamente real, por fim, que *A novela de xadrez*, de Stefan Zweig, tem uma personagem fictícia que se chama Mirko Czenovic, ainda que nada conste sobre sua vida fora dessa novela.

Todos eles (os enxadristas, os escritores e até o ditoso avô Magnus) trabalham aqui de personagens fictícios, exclusivamente a serviço da imaginação do autor.

Dito em termos técnicos: “quando aparecem eventos históricos ou figuras públicas reais, os acontecimentos, lugares e diálogos relativos a essas pessoas são completamente imaginários e não pretendem descrever os acontecimentos reais ou modificar a natureza, toda ela fictícia, da novela”. (Essa citação precisa de copyright?)

Ficam, portanto, notificados os juízes de crimes literários, as viúvas dos escritores que ainda não completaram setenta anos debaixo da terra, os editores que temem pela legitimidade dos livros que publicam e os leitores que querem saber exatamente quando suspender e quando reativar sua incredibilidade.

Agora sim, com todas as peças nos seus lugares, chegou a hora de embaralhar tudo, mais uma vez, na tão antiga como renovada, sempre lúdica, luta das letras.

## 1. *Se uma personagem vem para cá*

*A bordo do vapor que devia sair à meia-noite de Nova Iorque para Buenos Aires, reinavam a agitação habitual e o movimento de última hora. Os convidados se empurravam entre si para despedir-se dos seus amigos, os rapazes dos telégrafos, com suas gorras desajeitadas, gritavam com toda força, chamando por nomes na sala de estar, os baús e as flores passavam de um lado para o outro, as crianças não paravam de subir e descer as escadas, enquanto no convés a orquestra acompanhava com indiferença. Um pouco afastados dessa algazarra, conversávamos com um conhecido quando flashes brilharam repentinamente umas duas ou três vezes do nosso lado: pelo que parece, os jornalistas tinham entrevistado e fotografado rapidamente algum famoso justamente antes da partida. Meu amigo ergueu os olhos e sorriu.*

*— Tem um animal raro a bordo: Czentovic.*

*Devo ter feito uma tal cara de incompreensão que ele acrescentou:*

*— Mirko Czentovic, o campeão mundial de xadrez. Percorreu a América do Norte de leste a oeste, jogando torneios, e agora viaja para a Argentina, em busca de novos triunfos.*

Assim começa. Não essa novela, mas *A novela de xadrez*, de Stefan Zweig. Pois bem, é regra fixa desse jogo que a peça tocada também tem de ser movida. Nesse outro tabuleiro que todo jogador tem guardado — o interno —, as peças podem ser movidas para frente e para trás quantas vezes quiser, incluindo as peças do adversário, para que se possa calcular com antecipação como as próprias peças reagirão diante de cada eventual resposta. Porém, uma vez que decidimos fazer um movimento e damos ordem ao braço para fazê-lo, não se pode voltar atrás. O fato de que nossa mente seja uma rainha não invalida que nosso corpo seja um peão.

O jogador profissional sabe, além disso, que este caráter irreversível do movimento entra em vigor antes mesmo de roçar a peça com as pontas dos dedos, pois recolher a mão, no ar, transmite a ideia de dúvida e até mesmo medo. No xadrez, como na guerra, demonstrar fraqueza é redobrar as forças do inimigo. Uma coisa é pensar uma jogada, ainda que se demore um tempo supostamente longo, e outra muito diferente é duvidar, principalmente quando se refletiu tempo suficiente, porque isso faz com que aquela meditação pareça um vacilo. A dúvida é sempre defensiva, apenas o pensamento é ofensivo, e nesse jogo se trata de atacar.

Os mais radicais propõem que a arte de pensar uma jogada começa antes, quando o oponente move sua peça, e que, por sua vez, se iniciara com o próprio movimento, até chegar ao primeiro, que, bem analisado, pode decidir a partida. “Depois de P4R, o jogo das brancas está na última agonia”, sentenciou um teórico da chamada escola hipermoderna. E como esse movimento teórico, uma vez iniciado, também não pudesse se deter, o poema persa Omar Kayam o estendeu à vida, postulando que antes de que o jogador movimentasse a peça, era Deus quem moveria o jogador. Jorge Luis Borges, por último (porque em algum momento se tem de parar, essa também é uma regra fixa do jogo, e mesmo do pensamento), o poeta Borges continuou este movimento regressivo até fazê-lo coincidir com o infinito:

*Deus move o jogador, e este, a peça.*

*Qual Deus atrás de Deus começa a trama  
de poeira e tempo e sonho e agonias?*

Voltando então àquela regra básica, e transportando-a a esse outro jogo, a literatura, sobretudo a literatura que tem como tema o “jogo dos reis” ou “jogo régio” ou, por que não aproveitar o régio jogo de palavras: o “jogo real”; continuando esse movimento básico entre xadrez e literatura, resulta evidente que, se em *A novela de xadrez*, de Stefan Zweig, é afirmado que o jovem prodígio Mirko Czentovic pegou um barco de Nova Iorque para

Buenos Aires, para participar de “um torneio”, esse movimento se considera iniciado e é necessário assumir que foi completado.

Quando exatamente isso aconteceu, o narrador da novela não nos revela. No entanto, não é tão difícil adivinhar. Por um lado, o enigmático Dr. B., que aparece na novela, é um austríaco, detido pela Gestapo depois do *Anschluss*, ou seja, não antes de março de 1938. Passou alguns meses preso num quarto de hotel, e aprendeu de memória tantas partidas de xadrez que acabou “envenenado” pelo jogo, como escreve Zweig. Depois de um breve período no hospital, fugiu para a América do Norte, desde onde parte agora para o Rio de Janeiro. Por outro lado — temporal e mesmo espacial —, sabemos que Stefan Zweig escreveu o livro quando já estava no Brasil, aonde chegou em 1940, após dar uma série de conferências na Argentina e no Paraguai. Sabemos também que isso foi antes de escrever sua autobiografia, *O mundo de ontem*, em 1941, e publicá-la depois do seu suicídio, assim como *A novela de xadrez*.

Exatamente entre uma e outra coisa, isto é, entre a fuga do Dr. B. na novela e a redação da novela, foi realizado em Buenos Aires o oitavo Torneio das Nações, que reuniu enxadristas da envergadura de um Alexander Alekhine e José Raúl Capablanca, entre os quais Zweig coloca seu personagem. Capablanca chegou ao país no *Neptunia*, que saiu de Nápoles, e Alekhine, no *Alcântara*, vindo do Rio de Janeiro. As delegações do Canadá e da Noruega, porém, vieram desde Nova Iorque, num navio chamado precisamente *Argentina*. De modo que podemos deduzir, sem medo de nos equivocarmos (ou tratando de que não se note), que também Mirko Czentovic chegou ao país no dia 16 de agosto de 1939, uma semana antes de que se desse início a olimpíada de xadrez, a primeira disputada fora do continente europeu.

No entanto, a hipótese se choca com uma realidade inapelável: na base de dados do Centro de Estudos Migratórios Latino-americanos (CEMLA), não consta nenhum Mirko Czentovic como ingressado no país nessa data (nem em nenhuma outra). Pois bem, mas sequer meu avô Heinz Magnus consta na lista, mesmo tendo chegado um pouco antes e sendo tão como eu...

